

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA

19 de Fevereiro de 2024

COMBAT D'AMOUR EN SONGE / 2000

COMBATE DE AMOR EM SONHO

um filme de RAÚL RUIZ

Realização e Argumento: Raúl Ruiz *Fotografia:* Acácio de Almeida *Som:* Pierre-Yves Lavoué, Georges-Henri Mauchant *Montagem:* Valeria Sarmiento *Música:* Jorge Arriagada *Décors e Guarda-roupa:* Isabel Branco *Caracterização:* Catarina Salles, Emmanuelle Fèvre, Philippe Mangin *Interpretação:* Melvil Poupaud (Paul / filho de Mariani / lobo / o jovem pai), Elsa Zylberstein (Lucrezia / Jessica / a sultana), Lambert Wilson (Sebatol / um pirata), Christian Vadim (David / um pirata), Diogo Dória (Mariani / o pai de Paul), Rogério Samora (Baniel / um pirata), Marie-France Pisier (a estrangeira), Duarte de Almeida (o representante do governo), Paula Pais (Arianne), José Meireles (ladrão / um pirata), André Gomes (o antiquário / um colecionador), Pedro Hestnes (Marc), Mathieu Demy (Paul / lobo (voz), Rui Luís, Laurent Malet, Francisco Arizia, Rita Durão, Ricardo Aibéo, Francisco Nascimento, Mafalda Vilhena, Cecília Guimarães, Duarte Barrilaro Ruas, Jean-Louis Michel, Mariana Albuquerque, David D'Almeida, José Manuel Mendes, Isabel Branco.

Produção: Gemini Films, Madragoa Filmes (França, Portugal, 2000) *Produtor:* Paulo Branco *Produtores executivos:* Laurent Baudens, Valentina Merli *Estreia Mundial:* 28 de Agosto de 2000, no Festival de Cinema de Montréal *Estreia em Portugal:* 18 de Maio de 2001, no cinema Nimas (Lisboa) *Cópia:* Leopardo Filmes, 35 mm, cor, 127 minutos, legendada em português *Primeira apresentação na Cinemateca:* 26 de Setembro de 2011 (“Pedro Hestnes – “Faça de mim o que quiser”).

Raúl Ruiz, sabe-se, manteve com Portugal uma ligação estreita. No contexto torrencial da sua obra, na qual figuram mais de uma centena de filmes realizados entre 1963 e 2010, numa primeira fase no Chile (entre os anos 1960 e os 70) e numa segunda fase com epicentro em França, seu país de adopção depois do golpe de Pinochet, Portugal foi um país co-produtor, um local de filmagens, uma fonte de inspiração. A história, essa história, começou em 1981, com *The Territory* e o encontro com Paulo Branco que nele foi reconhecendo o autor de uma obra incomparável, “uma das maiores e mais intensivas obras da história do cinema” justamente interrompida a meio de uma rodagem portuguesa: após *Os Mistérios de Lisboa*, a partir de Camilo Castelo Branco e alvo de um interesse internacional como há muito não se via no cinema de Ruiz, “As Linhas de Torres Vedras” seria concebido como uma nova incursão no século XIX português e foi acabado postumamente por Valeria Sarmiento, *Linhas de Wellington* (2012).

Na página da Clap Filmes, sucedânea da Madragoa Filmes e produtora de *Os Mistérios de Lisboa*, a associação entre Branco e Ruiz, iniciada com trabalho em Portugal e depois também em França, é creditada em oito longas-metragens filmadas em Portugal e em catorze filmes produzidos ou co-produzidos por Paulo Branco. *Combat d’amour en songe* (belo título) integra essas listas, na linha fantástica da obra de Ruiz, de que, em 1983, no número especial dos *Cahiers du cinéma* que lhe foi dedicado, Serge Toubiana falava como *um caso*, “Le Cas Ruiz”, referindo-se-lhe como “o cineasta mais prolífico da nossa época, aquele cuja filmografia é ‘quase’ impossível de definir tal é a sua diversidade, esplendor e multiplicidade de formas de produção há mais de vinte anos. (...) um cineasta que navega entre Lisboa, Roterdão e Paris, longe da casa de partida, Santiago do Chile.” Na altura em que Toubiana assim escrevia, e em que algumas páginas ao lado Louis Skorecki falava de Ruiz como de alguém “que sabe delirar” (“La Traversée du Fleuve-Cinéma à la Nage”), Ruiz concluíra *Les trois couronnes du matelot*, outro filme parcialmente rodado em Lisboa, de histórias imbricadas e fantasiosas, uma das *regras* do seu cinema, a que, duas décadas mais tarde, este *Combat d’amour en songe* não escapa.

A abertura do filme, na quinta da Regaleira, em Sintra, coloca-o no território cinematográfico à maneira de um prólogo que denuncia o dispositivo do cinema: no primeiro dia de rodagem de um filme cheio de actores que se desdobram em personagens de várias épocas e de histórias que se reflectem em espirais – a cujo resumo se procede como “primeira ordem de trabalhos”, nove histórias cruzadas que seguem uma intrincada lógica matemática –, os actores são recebidos num dos cenários para uma pequena cerimónia de boas-vindas conduzida por um representante do governo. Duarte de Almeida (João Bénard da Costa) interpreta a personagem proferindo um discurso cujos ecos surgem renovados tantos anos volvidos: “(...) Quando todos esperamos fazer renascer a Europa, só a arte, só uma obra de arte, pode fazer renascer a esperança.” Ao humor, a que o ar dos tempos que correm adensa a ironia, segue-se o “mergulho artístico” na torrente narrativa “do filme que se filma” e onde, para lá do desdobramento de histórias e personagens, se procede também pela “intromissão” de espelhos onde a realidade e a imaginação se *combatem*.

Da sinopse oficial retém-se que a história de *Combat d’amour en songe* tem um fundo verídico: “No início do século [XX], Ricardo Latcham, um jovem de vinte anos, simples empregado da Biblioteca nacional do Chile, é contactado por um caçador de tesouros. Viajam juntos pelo norte do país. Descobrem um tesouro inesperado, não em ouro mas constituído simplesmente por escritos de origens hebraicas, gregas, árabes e tuaregues que retraçam a história, a vida e os milagres dos ‘irmãos da Costa’, célebres piratas fundadores de uma república anarquista. Os amadores deste tipo de literatura poderão facilmente descobrir as referências a H.C. Andersen, ao folclore português e chileno (a cidade fantasma de Anlia, a cidade dos Césares, a gruta das feiticeiras da província de Recta, a gruta de Salamanca), e à tradição judaica (o nome secreto, os sete livros). Há também múltiplas invenções pessoais e um jogo de encadeamos narrativos que muito deve às *Mil e Uma Noites*, e mais do que uma coisa aos irmãos Grimm).” O resumo, grosso modo integrado na primeira, explicativa, sequência do filme, pode servir-lhe de guia, porque o que se segue é um enigma em vários prismas, de registo labiríntico e fôlego onírico, construído na “combinatória narrativa” atribuída a Raymond Lulle exposta no prólogo. Variação do imaginário de Ruiz, *Combat d’amour en songe* é também um filme “de actores”. Todos eles magníficos no acordo à deriva fantasiosa em que embarcam.

Maria João Madeira